

O lado Charles  
Bronson de Liam  
Neeson na TV

PÁGINA 3



Tears for Fears  
vai lançar o seu  
1º álbum ao vivo

PÁGINA 5



'Pequeno Monstro'  
volta ao Rio em  
temporada gratuita

PÁGINA 7



## 2.º CADERNO

Realizador de sucessos como 'Anos JK', Silvio Tendler, o documentarista de maior bilheteria no Brasil, promove mostra na Casa de Rui Barbosa celebrando o papel libertário da História

# Sob a luz da memória

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**R**ecuperado de uma batalha cirúrgica árdua, após sofrer uma parada cardíaca no agravamento de um estenose aórtica, o papa do documentário histórico brasileiro prepara sua volta às telas na nobre vitrine do Festival do Rio 2024 (3 a 13 de outubro) com "Brizola, Anotações Para Uma História", ao mesmo tempo em que abraça uma nova guerra.

Celebrizado como o maior recordista de bilheteria do cinema de não ficção no país, Silvio Tendler vem aplicando todo o seu conhecimento de História numa outra arte, a curadoria, a fim de impedir a devastação de nossas recordações simbólicas por meio de uma mostra (preciosa) na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), em Botafogo.

Aos 74 anos, o diretor de fenômenos populares como "Anos JK" (1980) e "Jango" (1984) elencou uma leva de longas-metragens para a iniciativa "Memória, Coração do Futuro", sintonizada com as reflexões sobre os 60 anos do Golpe de 1964. A cada projeção, com cults como "Os Inconfidentes" (1972) e "O Bravo Guerreiro" (1968), o cineasta amplia as funções de um aparelho público de suma importância para o Brasil pela riqueza de seus acervos. Com o aporte curatorial de Tendler, um espaço muito associado à literatura e à museologia passa também a empestar sua



Após sofrer uma parada cardíaca, Silvio Tendler se reinventa com novo .doc e curadoria

telona para imersões estéticas audiovisuais nas causas que alimentaram nossa democracia, da década de 1960 para cá.

Esta noite, às 18h, a Casa de Rui Barbosa exibe "Os Homens Que Eu Tive" (1973), de Tereza Trautman, encarado

como um marco feminista na produção nacional. No dia 11 de novembro, é a vez de "Ladrões de Cinema" (1977), de Fernando Coni Campos. Cada sessão é seguida de um debate com convidados, que pode ser visto no YouTube

na FCRB. Cada conversa trata de curiosidades de produção, de escolhas formais de direção, de autoralidade e de problemas estruturais e institucionais da realidade nacional.

**Continua na página seguinte**

Divulgação

ENTREVISTA / SILVIO TENDLER, CINEASTA

# ‘Vivemos um período de assassinato da memória’

**N**uma conversa por telefone, Silvio Tandler explica os critérios dessa retrospectiva e adianta detalhes sobre o filme sobre Leonel Brizola, gestado em sua produtora.

**O título da retrospectiva promove uma provocação essencial em relação à longevidade do arquivo, do registro de época, além de demarcar a sua identidade como pesquisador da História. Qual é a busca estética dessa sua curadoria?**

**Silvio Tandler:** Só escolhi filmes corajosos que nos ajudaram a olhar pra frente. Olhar para eles, agora, é uma forma de avançar. Vivemos um período de assassinato da memória, na qual ela vem sendo substituída por novas narrativas, como se todos os registros do ontem fossem falsos e tudo fosse espaço para uma recriação. Passei por uma operação no coração que não teria sido possível se não fosse o histórico de descobertas feitas pela Medicina. O conhecimento do passado é essencial para o futuro. A vida não é uma folha em branco. Desde que saímos do útero, estamos rodeados de informação sobre o que veio antes. A partir delas, a gente cria.

**Qual é o seu maior temor em relação ao revisionismo?**

Quando eu estava preparando a peça “Olga e Luiz Carlos – Uma História de Amor” (de 2023), eu me aproximei da Inteligência Artificial e solicitei a esse programa de computador um texto sobre o futuro. Ela me respondeu que o socialismo viria, mas me apresentou uma proposta com vocabulário inadequado, sem citar o nome de Stalin. Descobri que o stalinismo não foi citado pois a IA não pode falar de ditadores. O problema é que, na História, não podemos fazer uma crítica a regimes ditatoriais sem conhecer o que eles foram. O que eu aprendi é que a IA é manipulada por humanos, logo, por isso, ela também tem ideologias. Hoje, ao analisar os debates sociais do momento, é um olhar sobre o passado mediado por questões pessoais dos debatedores. Venho de uma geração libertária. Eu preciso me relacionar objetivamente com os materiais históricos e, a partir deles, criar uma dialética.

**O filme desta segunda-feira, “Os Homens Que Eu Tive”, de Tereza Trautman, é um marco da luta feminista em**



Divulgação

**nossas telas. Qual é o simbolismo dele no seu recorte curatorial?**

Eu queria muito mostrar a coragem que a Tereza teve em plena ditadura militar e mostrar para as pautas identitárias do presente o quanto o filme dela foi essencial para a luta das mulheres. Ela trouxe uma perspectiva libertária, com a mulher em foco.

**De que maneira essa mostra redeseña o papel da Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, como aparelho de cultura?**

Esse mérito não é meu e, sim, do Alexandre Santini, um amigo de muitos anos e colaborador, que me procurou querendo potencializar o lado cultural da Casa. Estamos falando de um espaço que conta

com alguns dos acervos mais importantes para a memória do país. Além da exibição dos filmes que propus, estão acontecendo atividades culturais paralelas por lá.

**Seu novo filme, “Brizola, Anotações Para Uma História”, estreia no Festival do Rio. O que esperar dessa investigação sobre as lutas políticas de Brizola?**

Quero propor uma nova abordagem política dele. Tive poucos encontros com Brizola e nunca fui brizolista, mas tenho respeito por ele. É por isso que eu aceitei esse projeto, pois só faço filmes do que eu não sei, para conhecer os personagens. Nesse documentário, eu tento quebrar paradigmas de seus antagonismos. Em seu governo no Rio, Brizola impôs que polícia não entra em favela chutando porta de barraco. É uma trilha essencial para entender o pensamento social dele.

**Paralelamente à estreia do .doc, o senhor desenvolve um projeto sobre a questão da fome no país. Sua produtividade é imparável, mesmo diante de um quadro de achatamento de público nas salas de exibição, nas sessões de filmes nacionais. O senhor segue acreditando na força do cinema, mesmo com esse esvaziamento e o boom do streaming?**

Desde criança, ouço essa história de que uma mídia vai acabar com a outra, sem que isso se concretize. Quando a TV chegou, falaram que o rádio ia chegar ao fim e ele está aí. Falaram o mesmo do cinema, com o boom da produção televisiva, e ele está aí. Estou fazendo filmes para cinema em 2024! A História provou que as camadas criativas da arte vão se superpondo e vão convivendo. Estamos num período de ajuste. Não tenho medo da desapareção do cinema, assim como eu não tenho medo da grande indústria midiática, mesmo que eu tenha de passar meus filmes em guetos. Um dos meus trabalhos recentes, “O Veneno Está Na Mesa”, circulou tanto por palestras, por salas de aula, por sessões online que já deve contabilizar cinco milhões de espectadores, mais do que muito filme alcança na Netflix. Daqui a uns dez anos, quem quiser mapear a política neste país em colégios ou universidades, em aulas de História, vai exibir “Brizola, Anotações Para Uma História”. Eu vou seguir sendo visto, com meu cinema, só que em outras formas de exibição. Basta ver que “Anos JK”, um longa dos anos 1980, é exibido até hoje. A cada efeméride, meus filmes voltam.

Divulgação



Dublado no Brasil por Armando Tiraboschi, o Liam Neeson vive um criminoso arrependido em 'Legado Explosivo', lançado no auge da pandemia, lotando cinemas mesmo com exigências de distanciamento

# Liam Neeson em modo Charles Bronson

'Tela Quente' leva à TV aberta nesta segunda um dos maiores sucessos da pandemia, que firmou o ator irlandês de 72 anos como um ídolo dos thrillers de pancadaria

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

Com dois filmes prontos para lançar daqui até 2025 ("Absolution" e "Cold Storage"), o irlandês Liam Neeson está finalizando o que pode ser (mais) uma virada em sua bem-sucedida carreira: "The Naked Gun", a nova versão da franquia "Corra Que a Polícia Vem Aí" (1988-1994). Ao viver Frank Drebin Jr, o herdeiro do abilolado tira vivido por Leslie Nielsen (1926-2010), o astro de "A Lista de

Schindler" (1993) pode se reinventar como comediante da mesma forma que se recriou, no fim dos anos 2000, como protagonista de longas-metragens de pancadaria, criando uma persona digna de Charles Bronson. Nesta segunda-feira, às 23h30, a "Tela Quente" da TV Globo exibe um dos títulos que fizeram dele um ferrabrás: "Legado Explosivo" ("Honest Thief", 2020).

Mais patrulado de todos os gêneros, sobretudo por correntes ideológicas que confundem transcendência estética com sociologia, o cinema de ação viu seu panteão de estrelas e os seus códigos narrati-

vos serem esvaziados pelo politicamente correto ao longo dos anos 1990 para cá, substituindo o que nele havia de épico pelo patético da comédia, rejuvenescendo (ao nível da infantilização) seus protagonistas. Quando morreu o último dos heróis anciões do filão, o já citado Bronson, em 2003, acreditou-se que a perspectiva de um vigilantismo maduro, de cabelos grisalhos – e, por isso mesmo, aberto a autocríticas – estaria extinto para sempre. Só sobreviveria das iniciativas de Sylvester Stallone – o midas dessa seara – em juntar os mestres aposentados do passado na franquia "Os Mercenários" (2010-2023).

Clint Eastwood, que era também um vetusto herói, pendeu mais para a direção. Will Smith, Vin Diesel, Charlize Theron e The Rock conjugaram com maestria os códigos do thriller, porém sempre seguindo uma linha mais próxima da aventura e do family film do que das convenções OMACs (One Man Army Combat), ou seja, "exércitos de uma pessoa só" dos anos 1970 e 80. Nessa convenção, só dois astros brilharam, curiosamente ambos dublados pelo mesmo e talentoso ator - o paulista Armando Tiraboschi - no Brasil: Jason Statham e Liam Neeson. O primeiro enveredou mais por uma linha B, de filmes graficamente explícitos no sangue e na quebra de ossos, à moda gore, numa reinvenção da fórmula do guerreiro imparável, como os ronins (samurais sem mestre) de Akira Kurosawa. Neeson, não. Filmes de eficiência comercial (e artística) inquestionável, como "Legado Explosivo", a ser transmitido pelo Plim-Plim hoje, comprovam que o ator de 72 anos não só assumiu o posto de Bronson - de ser o justiceiro com rugas no rosto - como humanizou esse arquétipo do vigilante experiente, tridimensionalizando papéis antes representados de modo raso, resumidos a suas jornadas.

O ladrão arrependido Tom Dolan, vivido por ele em "Legado Explosivo", transborda dilemas existenciais, sem deixar que essa transpiração de conflitos dilua a adrenalina que rega a intriga na qual foi inserido. No caso, Dolan é um ás de roubo de bancos que decide se entregar depois de se regenerar ao longo de sua convivência com a namorada, Annie (Kate Walsh). Mas os dois agentes corruptos do FBI a quem ele se confessa - Hall, vivido por Anthony Ramos, e o cruelíssimo Niven, que Jai Courtney interpreta com faca nos dentes - não ligam para seu arrependimento e, sim, em embolsar os milhões que ele planejava devolver.

Neeson passou a aceitar Dolans em série a partir de 2008, quando Luc Besson produziu "Busca Implacável". Na sequência veio "Desconhecido" (2011), do espanhol Jaume Collet-Serra. Desde então, chove oferta para Neeson exercitar uma verve heroica talhada em anos e anos de palco. "Legado Explosivo" estreou nos Estados Unidos e na Europa no período mais crônico do circuito exibidor, em 2020, por conta da pandemia e ficou quase um mês entre os títulos mais vistos. É uma prova de um carisma que deu a um gênero vilipendiado um sopro extra de vida... e de humanismo.

## CORREIO CULTURAL

## Uma banda com (muita) história no festival

Detonautas fazem sua quarta participação no Rock in Rio antes de seguir em miniturnê europeia

Divulgação



Por Affonso Nunes

**A**s lembranças do Rock in Rio 2011 ainda estão bem vivas na lembrança de Tico Santa Cruz e seus colegas de Detonautas. Era a estreia da banda carioca no festival. Agora, eles estão de volta e se apresentam neste sábado (21), na noite dedicada a artistas nacionais. Formada por Tico (vocal), Fábio Brasil (bateria), Renato Rocha (guitarra e vocais), Phil Machado (guitarra e vocais) e André Macca (baixo), a banda é calejada de tocar para grandes plateias. Rodam o Brasil desde 2002 ininterruptamente, participando de grandes festivais e algumas turnês internacionais. É hoje uma das bandas mais ouvidas nas plataformas de streaming, estando entre as 10 mais do segmento rock brasileiro.

Para a apresentação do Rock in Rio, o grupo fará o show da turnê “Elétrico”, que sucede a elogiada “Acústico” (2023), e apresenta seus grandes sucessos como “Outro Lugar”, “Você Me Faz Tão Bem”, “Olhos Certos”, “Quando o Sol Se For”, “Retorno de Saturno”, entre outras. Depois da participação no Rock in Rio especial de 40 anos, o grupo segue para uma mini turnê europeia com show em Portugal - Porto (11/10) e Lisboa (12/10) - e na Irlanda - Dublin (14/10).

Em 2011, o Detonautas dividiu o Palco Mundo com artistas internacionais de peso como Guns’n’Roses e System Of A Down. A participação resultou num álbum ao vivo



Os Detonautas são destaque na programação do dia 21, dedicado integralmente a artistas nacionais

e um convite para integrar o line-up do Rock in Rio em outras edições 2013 e 2019, como destaca Tico Santa Cruz: “Era a primeira vez que uma banda independente subia ao Palco Mundo. Existia uma pressão gigantesca em cima do Detonautas por que até o Rock in Rio ainda existia aquela cultura de vaia e das pessoas jogarem coisas nos artistas. Mas a gente entrou no palco e foi um show incrível. Saímos de lá aclamados e considerados, inclusive, com um dos melhores shows do festival. Foi uma experiência muito marcante e depois dali ainda participaríamos do festival em 2013 e 2019 e agora estamos indo para nossa quarta edição. É uma honra pra gente participar da edição de 40 anos do Rock in Rio e deixar registrada a nossa trajetória vitoriosa dentro do festival”.

No ano passado, a banda celebrou 20 anos de estrada com uma

megaparticipação na primeira edição do The Town, em São Paulo, que contou com a participação especial de Vitor Kley. A integração no palco foi tão grande que o grupo e o artista decidiram gravar uma música juntos, dando origem à nova versão de “Só Nós 2”, que encerra o projeto “20 Anos Acústico”, que ainda teve participações de Badauí (CPM22), Lucas Silveira (Fresno) e Di Ferrero (NX Zero).

Em plena pandemia, entre maio de 2020 e junho de 2021, a banda lançou seu sétimo disco de estúdio chamado “Álbum Laranja”, um trabalho de forte crítica social que contou com as participações de Gabriel, O Pensador e Gigante no Mic.

Em 2022, chegou “Esperança”, um álbum menos polêmico que o anterior composto por oito faixas e com a participação de Frejat na faixa “Medo” feita a partir de um poema de Bráulio Bessa.

Divulgação



Respondendo a um fã, Liam disse que procurou o irmão

## Liam Gallagher revela que a volta do Oasis partiu dele

O músico britânico Liam Gallagher, que recentemente anunciou um retorno da sua banda de sucesso Oasis, admitiu em suas redes sociais que a tentativa de reconciliação com seu irmão Noel partiu dele.

Respondendo a um fã, que perguntou quem ligou primeiro, Liam disse: “Eu liguei. Mas não conte pra ninguém,

não quero ninguém pensando que eu sou um cara sensível, mantenha entre nós. Um abraço”, brincou.

Os irmãos passaram 15 anos brigando publicamente e dando declarações polêmicas um sobre o outro. Em 2019, Noel disse que não se imaginava voltando a fazer uma turnê com o irmão e “brigando pelo mundo.”

### Salve Andrea!

O Canal Brasil abre espaço em sua grade para exibir uma programação especial em homenagem ao aniversário de 61 anos da atriz Andrea Beltrão. Nesta segunda-feira (16), a partir das 14h30, vão ao ar nove filmes de sua trajetória no cinema.

### O lado escritor

Nesta quarta (18), o Trilha de Letras (TV Brasil) exibe entrevista com o músico e escritor Tony Bellotto sobre seu novo livro “Vento em Setembro”. O titã comenta o enredo da obra e conta como concilia agendas para se dedicar aos palcos e à escrita.

### Edição especial

Para homenagear o legado de Maria Bethânia, a Universal Music faz o relançamento do álbum “Talismã” (1980), que agora ganha uma versão em vinil na cor marrom. Mais existencialista, o disco traz composições inéditas que se tornaram sucessos.

### Dos cadernos

“Antonio Candido, Anotações Finais”, de Eduardo Escorel, estreia nos cinemas no próximo dia 26. Com narração de Matheus Nachtergaele, o documentário é baseado nos últimos dois cadernos de anotações deixados pelo crítico literário.

Rich Fury/MSG

# Tears for Fears

## em todas as mídias

Duo britânico anuncia disco ao vivo e filme com registro dos shows de sua turnê 'Tipping Point'

**F**enômeno dos anos 1980 e 1990, o duo britânico Tears For Fears anunciou para 25 de outubro o lançamento de seu primeiro álbum ao vivo oficial, "Songs For A Nervous Planet", com 22 faixas, sendo quatro delas novas faixas de estúdio, incluindo o single, "The Girl That I Call Home", lançado na última quinta-feira (12).

Além do álbum, eles anunciaram que o registro de um show gravado no Tennessee (EUA), durante a turnê "Tipping Point", será chegará aos cinemas com o título "Tears For Fears Live (A Tipping Point Film)". O filme vai estreiar em

1.100 cinemas em todo o mundo, a partir de 24 de outubro. Decidimos filmar o show ao vivo no ano passado. Acho que muita gente não sabe que somos uma boa banda ao vivo", brinca Curt Smith. "Eles veem um duo e pensam que serão duas pessoas com alguns teclados e fitas de apoio. Ao longo dos anos, melhoramos muito desde nosso auge nos anos oitenta", explica.

Gravado ao mesmo tempo que o álbum ao vivo, "Tears For Fears Live (A Tipping Point Film)" apresenta muitos dos maiores sucessos da banda, incluindo "Everybody Wants To Rule The World", "Shout", "Sowing The



**Curt Smith destaca que muita gente pensa que as performances ao vivo do Tears for Fears se resumem ao duo e que não têm banda de apoio**

Seeds Of Love", "Mad World" e "Head Over Heels" junto com faixas de "The Tipping Point", o primeiro álbum da dupla em 17 anos. O repertório do álbum traz quatro novas faixas de estúdio: "Say Goodbye To Mum And Dad", "Emily

Said", "Astronaut" e a já citada "The Girl That I Call Home".

Sobre o single mais recente, Orzabal tem uma história doméstica para contar. "Minha esposa Emily vem me pede há anos para escrever uma canção de amor para

ela. Estava no Havaí e todos os dias cantava sobre a faixa de apoio, mas não conseguia pensar num título. Então uma noite, ao deitar, fiz aquela coisa de pedir ao universo. Acordei com 'The Girl That I Call Home'. E minha esposa adorou."

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Caftos/Divulgação



### Embalado da discoteca

Com clima de romance e azaração, Martte lança seu novo single, "Não Precisa Pedir". A faixa chega com clipe e mostra a versatilidade do artista dentro da cena pop. Luzes da discoteca ganham a pista de dança nesta canção com influências do afrohouse. "Me sinto muito orgulhoso e emocionado com essa canção, ela nasce das minhas vivências e sentimentos. Sempre que escuto só consigo pensar na pista de dança, espero que o público sinta a mesma coisa e dance muito essa música nas pistas, na rua ou em casa", torce o artista paulistano.

### Potência do amor

A cantora e compositora Mayah lança o EP visual "Venusiana", trabalho que propõe um olhar feminino e de afeto numa mescla samba e hip hop, com pitadas de R&B e neo soul. "O conceito de ser um EP que traz como nome Venusiana é justamente em alusão ao arquétipo de Vênus enquanto um planeta, uma deusa, um estado de espírito em ebulição de amor e prazer, mas não se limita à carne, traz com ênfase o estado criativo, contemplativo através dos prazeres do amor, a si, ao outro, ao coletivo e quão desse amor é potência revolucionária", conta a artista paranaense.

Divulgação



Divulgação



### O desafio do fim

Seja falando sobre família, sociedade ou da desejada busca por felicidade, Aaron Bruno trabalha suas dualidades no quinto álbum de seu projeto Awolnation, "The Phantom Five". "Escrevi este álbum com a intenção de que ele pudesse ser o último do Awolnation. Queria o desafio e a inspiração dessa ideia. Não tenho certeza se será realmente o último, mas quis criar essa narrativa para me desafiar com ela", comenta Bruno, que já trabalha em novos projetos, incluindo uma parceria com a banda hardcore metal thrash Barbarians of California.

Daniel Ebendinger/Divulgação



**Cena da ópera 'Candinho', baseada em escritos do próprio Portinari sobre sua infância no interior de Minas Gerais**

Divulgação



**João Guilherme Ripper conta que os escritos de Portinari deram todos os elementos para conceber a ópera**

**A** comunidade artística recebeu com entusiasmo o ópera "Candinho", de João Guilherme Ripper, que fez sua estreia mundial no último fim de semana na abertura do II Festival Oficina da Ópera, no Teatro Municipal. A obra é baseada nas memórias de infância de Candido Portinari e foi dedicada ao filho do pintor, João Cândido, amigo de Ripper há longa data.

Em conversa com o Correio da Manhã, Ripper e João Cândido falam das motivações desta ópera e, é claro, do legado de Portinari, um dos grandes nomes de nossa pintura.

João Cândido destaca que Ripper já havia apresentado em 2019, no Museu Nacional de Belas Artes, o Ciclo Portinari e Outras Telas Sonoras e que este libreto sobre a vida de seu pai, voltado ao público jovem, é importante na medida que as novas gerações possam compreender a relevância de Portinari para a história e a cultura do Brasil.

"Há muito que escolhemos como missão principal do Projeto Portinari as crianças e os jovens, o nosso Educativo. É fácil compreender o por que desta escolha. Portinari não nos deixou apenas linhas, formas, volumes, cores. Ele carregava dentro de si uma poderosa mensagem ética e humanista. Valores. Valores mais agudamente necessários do que nunca no mundo de hoje. Não violência, justiça social, fraternidade, compaixão pelos que sofrem, pelos excluídos, respeito ao sagrado da vida, em todas as suas formas. Esses valores estão impregnados pungentemente, na que têm de drama, de tragédia, de

# Sonhos de um menino

Infância de Candido Portinari inspira a ópera 'Candinho', repleta de elementos oníricos e concebida para que as novas gerações se aproximem de óperas

Divulgação



**João Cândido Portinari é um guardião de legado de seu pai**

fúria em sua obra, como também no que têm de poético, lírico, de ternura, nas mais de 5 mil obras que ele nos deixou", afirma, referindo-se não só aos quadros do pai mas a escritos variados em forma de cartas, conferências, monografias, poesias e depoimentos.

Mesmo sendo de gerações diferentes, Ripper e João Cândido desdobraram for-

pela música, pela arte, pela cultura. Chegamos até ao ponto de tocarmos violão em dueto, uma ousadia da minha parte", brinca.

João Guilherme Ripper revela que a ideia de escrever uma ópera sobre Portinari surgiu de suas conversas com João Cândido.

## Cadernos

"Um dia, ele mostrou-me os cadernos com as memórias de infância que seu pai escreveu nominal dos anos 50, parte delas publicadas no livro 'O menino de Brodowski'. Li, reli e relatei o texto às pinturas que retratam o vilarejo. Já tinha o que precisava para começar a criar ópera: o roteiro para o libreto, os cenários, os figurinos e o título: "Candinho", que é como chamavam Portinari quando pequeno. Usei literalmente trechos dos escritos que são interpretados pelo personagem Portinari, o ator-narrador que conduz o fio da narrativa", explica.

"Quando escrevi 'Candinho', quis criar uma ópera para se gostar de ópera. As narrativas de Portinari sobre sua infância são cativantes e têm aspectos lúdico, circense e de encantamento que procurei trazer para o libreto e a música. O personagem encarna valores humanos importantes como a generosidade, a preocupação com o próximo, a educação, a imaginação como percepção ampliada do mundo e a importância da arte como realização. O elenco inclui cantores jovens e um coral infantil. Quero que a garotada que for assistir sinta-se como estivesse em Brodowski do início do século XX", completa p compositor e regente, animado com sua obra.

te afinidade a partir do momento em que se conheceram.

"É como se eu o conhecesse desde criança, temos uma relação de irmãos. Há tantas conexões. O pai dele, o Gugu, foi meu colega de adolescência no Leme. Sua tia, a pintora Ignez Correia da Costa, que ele sempre admirou e quis bem, foi aluna de meu pai. Compartilhamos a paixão

# Um mergulho nas memórias

Dirigido por Andreia Pires, solo inédito de Silvero Pereira investiga histórias de infâncias de pessoas LGBTQIA+

Tainá Cavalcante/Divulgação

**A**pós estrear no Rio em maio e seguir para São Paulo e Fortaleza com apresentações lodadas, o monólogo “Pequeno Monstro” retorna à cidade para uma temporada e gratuita no Espaço Sérgio Porto até domingo (22). A ideia inicial do espetáculo surgiu há sete anos, quando Silvero Pereira começou a acompanhar algumas histórias de crianças LGBTQIA+ e identificou semelhanças com episódios vividos na sua própria infância.

Após uma longa pesquisa, ele retornou à sala de ensaio — depois de 12 anos da criação de seu último sucesso no teatro —, para iniciar o processo de criação da peça em parceria com a diretora Andreia Pires, sua colega na faculdade de Artes Cênicas, nos anos 2000, em Fortaleza.

Em cena, Silvero embaralha suas referências literárias e musicais com matérias jornalísticas e memórias pessoais e de pessoas diversas, quando passeia por lembranças da infância no interior do Ceará e por uma juventude turbulenta. Diss etambém ter conversado muito com integrantes de sua família, numa tentativa de entender sua própria jornada pessoal.

Ao resgatar vivências relacionadas à sexualidade e gênero, ele ironiza e denuncia práticas relacionadas ao machismo estrutural e à homofobia, duas condutas comportamentais normalizadas socialmente que agredem, traumatizam e condenam destinos. “Uso a minha história como fio condutor e ponta de um iceberg, e me coloco como escudo para outras histórias aqui relatadas. Essa fragmentação de histórias pessoais, ficcionais e de terceiros serve justamente para enfatizar que não se trata de exceção, de classe ou de um lugar, é um problema social grave e que precisa de ações efetivas”, reflete o ator e autor.

“Pequeno Monstro” segue a mesma estrutura dramática adotada por Silvero em seus trabalhos passados como dramaturgo, em que também observava um panorama composto por diversas referências e influências. O intérprete ressalta ainda que a intenção é justamente provocar reflexões através da potência artística da montagem.

“Estamos fazendo uma peça de teatro, uma obra artística, não necessariamente um manifesto. Nossa função, como artistas, é



**Silvero Pereira diz que foi necessário recusar novos trabalhos no audiovisual para uma dedicação quase que totalmente exclusiva para o ‘Pequeno Monstro’**

trazer o tema com seriedade e a responsabilidade que ele exige, mas também atentar ao potencial estético e narrativo que servirão como alegorias para que a aproximação com o público ocorra dentro da liturgia do teatro”, conta Silvero, cuja performance no espetáculo inclui números musicais, como a canção “Fera Ferida”, de Roberto e Erasmo Carlos.

## ‘Estamos mais violentos’

O projeto reflete sobre a realidade brasileira no que diz respeito à violência contra as populações LGBTQIA+ e todos os trágicos recordes de assassinatos que o Brasil acumula. “Estamos mais violentos, mas isso não se localiza somente neste tempo do agora, é mais profundo, se trata de um país historicamente violento desde sempre e que precisa de atenção, denúncia e busca por soluções”, analisa.

O espetáculo marcou ainda a volta de Silvero Pereira ao teatro desde a estreia de “BR Trans”, em 2012. Neste hiato de tempo, ele foi catapultado para o sucesso em projetos audio-

visuais e experimentou diversas temporadas bem-sucedidas do monólogo. Recentemente, ele enfileirou hits, com suas participações em novelas (“A Força do Querer” e “Pantanal”), longas-metragens (“Bacurau”) e programas como o The Masked Singer Brasil, em que foi o vencedor da última temporada. Atualmente, ele apresenta o reality Estrela da Casa e se prepara para a estreia do longa-metragem “O Maníaco do Parque”, em que protagoniza. No entanto, ele não abandonou os palcos por completo e estreou recentemente um show com a obra de Belchior.

“Voltei ao teatro um tanto preocupado se ainda me sentia um ator de teatro. Sou formado em artes cênicas e com 25 anos de carreira dedicados aos palcos, mas por conta da demanda audiovisual me senti um tanto enferrujado e com a certeza de que nenhum ofício se vale pelo talento, mas sim pelo estudo e dedicação. Foi necessário recusar novos trabalhos no audiovisual para uma dedicação quase que totalmente exclusiva para o ‘Peque-

no Monstro’, refazer treinos de corpo, voz e imaginação para construir um processo criativo que muito exigia de mim como ator, autor e artista”, conta Silvero.

“No processo de criação, foi bonito ver o corpo do Silvero na sala de ensaio porque ele é um ator que potencializa tudo que já está ali no corpo dele. Ele já tinha uma dramaturgia erguida, organizada ali num texto escrito, mas isso foi se moldando e se modificando. Eu estou ali com o Silvero no trabalho dele. É como se eu estivesse entrando numa casa que não é minha, mas eu fui entrando e fui me sentindo em casa”, conta Andreia Pires.

## SERVIÇO

PEQUENO MONSTRO  
Espaço Cultural Municipal Sergio Porto (Rua Humaitá, 163)  
Até 22/9, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h)  
Entrada franca, com retirada de senha 1h antes do espetáculo

# Sublimes sabores

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Existem palavras super na moda. Empreendedor, criativo, inovador, diferenciado. Muitas vezes atribuem tudo isso a uma só pessoa. Lúcio Vieira surge na cena da gastronomia de modo totalmente pioneiro, comendo o mingau pelas beiradas. Em 2017, chegou ao Centro quando muitos estavam saindo de lá. Abriu o Lília, no segundo andar de um sobrado na Rua do Senado, com clima descontraído e cardápio baseado no que os produtores levavam de mais fresco. Chef do Ano no Bib Gour-

mand (categoria Michelin de excelente comida e ótimo preço).

Hoje seu “império” conta mais quatro casas: Labuta Bar, Labuta Mar, Labuta Brasileiro e o Celeste, inaugurado no ano passado. O bar foi concebido durante a madrugada, entre aquelas trocas de mensagens de Lucio e o DJ Nepal. Contemporâneo, com o conceito de listening bar, é o melhor local do Rio para quem gosta de desfrutar música de qualidade, gastronomia descontraída e drinks elaborados.

Desde agosto, e assim será até o fim de setembro, Lucio tem cuidado do almoço com o esmero que tem em tudo o que faz. O almoço executivo consta de opções de entradas, principal



Divulgação

## O Celeste oferece surpreendentes opções de almoço

e sobremesa, todas de difícil escolha. Era dia de comemoração importante, lá fomos Chico, João e Carol, que ante a indecisão, cada um fez um pedido e inventamos o próprio rodízio.

As entradas foram ostras cruas com aioli de salsa e dill, vagem com tonnato (molho piemontês cremoso semelhante à maionese, aroma-

tizado com atum); Panzanella com salada de tomate assados, mussarela de bufala, pepinos marinados, feijão branco, alici, alface romana e pimentão vermelho) e família alici que somos, pedimos a carne crua com cebola roxa, ciboulette e alici.

Nos principais, fomos ao ponto direto: fideuá com camarão e copa

lombo (prato de frutos do mar, semelhante à paella, mas com macarrão). Mistura tipo feitos um para outro. O ovo caipira pochê, com a gema no ponto de certo para derrear sobre o brócolis e as migas de pão. A rolha de alcatra, do jeito que deve ser, mal passada para o caldo se misturar à farofa.

E festejamos com os drinks de Frederico Viana, do premiado Vian, responsável pela coquetelaria. Saímos olhando o casario com a certeza que a grande comemoração só ficou mais especial porque aconteceu no Celeste, com Lúcio que é muito além dessas palavras da moda. É um chef especial, com a capacidade de oferecer pratos inesquecíveis.

## SERVIÇO

CELESTE

Rua do Lavradio, 11

Segunda a sexta (11h30 às

15h) | sábado (12h às 16h) |

sextas e sábados (19h à 1h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Memória de cozinha

A Ráscal lança seu primeiro livro de receitas. “Nossos almoços de família para celebrar 30 anos de história” reúne 62 receitas marcantes do restaurante e terá seu lançamento no próximo dia 23 na Livraria da Travessa do Shopping Leblon. A obra contempla o interesse dos clientes em saber detalhes dos pratos da casa. Com projeto gráfico do Estúdio Claraboia e fotos de Lalo de Almeida, o livro revisita as memórias da infância de Ralston Bielawski (fundadora), em Terra Roxa (SP), e de Nadia Pizzo (chef) na Ligúria (Itália).

Divulgação



Divulgação

### Festival de Cortes

O craque mineiríssimo João Zuddio, da Churrascaria Rio, lança o Corte do Chef – Festival de Cortes Nobres, que varia a cada semana a seleção especial de cortes (Black Angus, Porterhouse, Tomahawk, Prime Rib, Assado de Tira, Bottom Ribs, entre outros). Segundo o chef, os cortes do festival ficam no cardápio fixo da casa e os mais pedidos voltarão em mais semanas “para deixar os clientes felizes”. Como os cortes são surpresa a cada semana, os preços e acompanhamentos também mudam. “Cada guarnição é pensada para harmonizar perfeitamente com o corte”, avisa Zuddio.



Divulgação

### Cozido português

A Tasca Carvalho é uma casa portuguesa, com certeza. E agora, aos sábados, serve o tradicional cozido português, autêntico, como se faz na Terrinha com os nobres embutidos da culinária lusitana. Entre as carnes, chouriço, salpicão, morcela, farinheira, copa lombo, costela suína, carne bovina e coxa e sobrecoxa de frango, tudo isso cozido em seu rico caldo, com legumes variados. Não falta nem o arroz e nem o brasileiroíssimo pirão. A dose completa para três ou quatro pessoas sai por R\$ 149,90. A meia dose, para duas, custa R\$ 86,90.